

TECENDO O ESPAÇO ESCOLAR DE DUAS ESCOLAS CONFESSIONAIS CATÓLICAS DA REGIÃO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL NA DÉCADA DE 40, SÉCULO XX

*Valéria Alves Paz Forner
Marina Matiello*

RESUMO

O presente artigo teve como propósito analisar o processo arquitetônico de dois colégios confessionais católicos da região Nordeste do Rio Grande do Sul, na década de 40, do século XX. Baseados nos pressupostos teóricos da História Cultural utilizou-se, como metodologia, a análise de documentos, principalmente de relatórios e fotografias, produzidos e arquivados pelas instituições objetos de estudo. As instituições pesquisadas foram o Colégio Regina Coeli, pertencente à Congregação das Irmãs de São José, localizado no município de Veranópolis, e o Colégio São Carlos, da Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, localizado na cidade de Caxias do Sul. A partir da análise da arquitetura, dos espaços e de alguns objetos escolares, foi possível perceber aproximações entre as duas escolas, decorrente tanto da aplicação da legislação vigente, como por possuírem estatuto confessional católico, havendo, com isso, muitos aspectos em comum no uso dos espaços escolares.

Palavras-chave: história da educação; arquitetura escolar; colégio confessional católico.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva apresentar aspectos da arquitetura escolar do Colégio Regina Coeli e do Colégio São Carlos, possibilitando aproximações entre as características do espaço escolar nas décadas de 40, do século XX. Apesar das escolas serem administradas por congregações religiosas diferentes, sendo uma pelas Irmãs de São José e outra pelas Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, e de estarem situadas em diferentes municípios do Rio Grande do Sul, muitas semelhanças foram percebidas. A aproximação das culturas escolares foi possível após de realização de estudos específicos de cada instituição, apresentados nas dissertações de mestrado das pesquisadoras, que possibilitaram a percepção de semelhanças arquitetônicas entre os colégios.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se a perspectiva metodológica da História Cultural, tornando viável essa pesquisa, ao considerar, como afirma Veyne (1998), que tudo é histórico, e, diante da questão sobre o que distingue um evento histórico de outro que não é histórico, o autor apresenta a seguinte reflexão:

Ora, basta admitir que tudo é histórico para que esse problema se torne, ao mesmo tempo, evidente e inofensivo; sim, a história não é senão respostas a nossas indagações, porque não se pode, materialmente, fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir, e porque o progresso do questionário histórico se coloca no tempo e é tão lento quanto o progresso de qualquer ciência; sim, a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre (VEYNE, 1998, p. 37).

Sendo assim, a perspectiva da História Cultural permite refletir sobre novos objetos, novas fontes e problemas, tornando possível o desenvolvimento de uma pesquisa permeada por experiências subjetivas, cheias de significado pessoal e cultural. Dentro de tal perspectiva, são coerentes as contribuições de Burke, Ginzburg, Le Goff, Chartier e Pesavento. Pesavento (2005) tece boas reflexões a respeito da subjetividade e dos interesses individuais, utilizando inclusive contribuições de Ginzburg, ao afirmar que a subjetividade estará presente nas experiências e nos interesses do pesquisador, porém isso não impossibilita ou limita o trabalho, mas pode ser visto como fonte de oportunidades para o desenvolvimento da pesquisa.

2. APROXIMAÇÕES DO ESPAÇO ESCOLAR DO COLÉGIO REGINA COELI (VERANÓPOLIS/RS) E DO COLÉGIO SÃO CARLOS (CAXIAS DO SUL/RS)

O Colégio Regina Coeli, situado em Veranópolis, foi fundado em 1948, a partir do momento em que foi inaugurado o prédio construído especificamente para a escola. Até 1969 a escola permaneceu com o estatuto de confessional católica, pois era administrada pelas Irmãs de São José. É importante ressaltar que as Irmãs de São José atuavam na educação no município de Veranópolis desde 1917. Até 1948, o Colégio era denominado São José e contava com instalações menores, em residências adaptadas, que serviam tanto para a escola como para a moradia das Irmãs.

O Colégio São Carlos, que se situa até os dias atuais na cidade de Caxias do Sul, mantendo o de estatuto confessional católico, sob a administração das Irmãs Scalabrinianas de São Carlos Borromeo, apresenta semelhanças com a história do Colégio Regina Coeli. Foi fundado em 1936, com intuito de educação para o gênero feminino e, em 1971, iniciou a educação mista formalmente. Suas atividades iniciam a partir do convite feito pelo Padre Meneguzzi, para que as Irmãs atuasse na Catequese Paroquial da Comunidade do Bairro São Pelegrino. Em virtude desse convite, em 1935, se alojaram na casa do Coronel Miguel

Muratore, na Rua Feijó Júnior, 778. Em 1936, já com residência fixa, começaram suas atividades educacionais, dividindo o espaço de moradia com salas de aula.

As condições precárias não favoreciam muito o ensino, mas, com o passar dos primeiros anos, as Irmãs da Congregação Scalabriniana conseguiram organizar-se e construir um prédio escolar adequado (ou assim considerado), para o funcionamento do colégio. Conforme ressalta Gonçalves,

a arquitetura escolar, que no século XIX encontrava-se na sala de aula improvisada na casa do professor, passou, no século XX por etapas que a foram enriquecendo, complexificando. [...] As salas de aulas vão se constituindo, ao mesmo tempo, nos planos técnico-constructivo, estético e pedagógico, sob preceitos simbólicos, higiênicos, morais e metodológicos e adquirem uma forma, uma organização e uma institucionalidade próprias, que as distinguem de outro espaço público. (2012, p. 59-60).

O estabelecimento no qual a escola funcionava era de grande valia à população, pois se localizava num dos principais pontos da cidade, ou seja, se inseria “ao lado do Largo João Pessoa, tendo pela frente o largo da Igreja Matriz, Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Feijó Júnior”. (LVP/CSC, 1945, p. 60). Viñao Frago (2001) ressalta: “a instituição escolar e o ensino só merecem esse nome quando se localizam ou se realizam num lugar específico. E, com isso, quero dizer num lugar especificamente pensado, desenhado, construído e utilizado única e exclusivamente para esse fim.” (p. 69).

Já o Colégio Regina Coeli, depois de ocupar dois espaços diferentes, em uma residência alugada e no antigo prédio da intendência, época em que ainda era denominado de Colégio São José, teve um prédio construído especificamente para a instalação da escola. Com isso, em 1948, o colégio passou a oferecer espaços escolares mais amplos e adequados, atendendo satisfatoriamente a população, assim como às normas referentes à arquitetura escolar da época. Na figura 1 é possível observar como a escola se mostra imponente. No alto do prédio, a imagem de Regina Coeli, ou seja, *Rainha do Céu*, que dá nome à escola. Pela fachada, que revela traços importantes da cultura escolar, podemos perceber que se trata de uma estrutura típica de escola religiosa, havendo no alto do edifício, o desenho que se ergue sobre a porta em forma triangular, terminando com uma cruz. Pode-se observar que as características arquitetônicas da escola lembram uma capela, inferindo-se, assim, que, através da arquitetura, é possível interpretar aspectos da história e das culturas escolares:

Portadores de significados múltiplos, a arquitetura e o espaço escolares têm se constituído nos últimos anos em promissoras vertentes de investigação sobre a cultura escolar. Estudos dessa natureza tendem a surpreender até mesmo o pesquisador que almejando encontrar o inusitado e o extraordinário, ao se voltar

para o interior da escola, para as práticas e o cotidiano, depara-se com o prosaico, os lugares-comuns, com aqueles aspectos quase sempre negligenciados por comporem a estrutura habitual de nossa percepção sobre a realidade. (SOUZA, 2005, p. 8).

Figura 1– Fachada do edifício logo após a inauguração



Fonte: Relatório da Verificação... (1949).

Em relação ao Colégio São Carlos, a Congregação das Irmãs Scalabrinianas também conseguiu organizar-se para adequar o espaço escolar desde 1936, como já comentado anteriormente. No mesmo ano de sua inauguração, realizaram a compra efetiva do imóvel e do respectivo terreno. Com a compra, iniciavam um novo investimento em seu prédio, modernizando as instalações, atendendo às exigências do Ensino Secundário Federal, conforme Decreto 21.241, de 4 de abril de 1932, Capítulo II, como se lê:

Art. 51. A concessão de que trata o artigo anterior será requerida ao Ministério da Educação e Saúde Pública, que fará examinar em verificação prévia pelo Departamento Nacional do Ensino, as condições do estabelecimento, o qual deverá satisfazer os seguintes requisitos essenciais:

- I. Dispor de edifício, instalações e material didático em acordo com as normas estabelecidas pelo Departamento Nacional do Ensino e aprovadas pelo Ministro da Educação e Saúde Pública.
- II. Ter corpo docente inscrito no registo de professores.
- III. Manter na sua direção, em exercício efetivo, pessoa de notória competência e irrepreensível conduta moral.
- IV. Oferecer garantias financeiras bastantes para o funcionamento durante o período mínimo de dois anos.
- V. Obedecer à organização didática e ao regime escolar estabelecidos neste decreto.

Uma das preocupações das Irmãs, além de tudo que era exigido para a inauguração do novo prédio, que ocorrera somente na década de 40, foi com a integridade física de seus alunos. O prédio constituiu-se de um conjunto de espaços úteis, com vários desdobramentos arquiteturais, funcionais e hierárquicos, que podem ser observado na figura 2.

Figura 2 – Imagem do Colégio São Carlos 1946



Fonte: Caminhando na História 1928-1981 do Colégio São Carlos.

Dessa forma, tanto a arquitetura do Colégio Regina Coeli, como a do Colégio São Carlos, foram sofrendo transformações para atender de maneira mais satisfatória as exigências da lei e as demandas da população. Considerando a arquitetura escolar de ambas as escolas, pode-se citar Iwaya (2005), que afirma que “cada lugar é pensado para uma função e destinado especificamente a alguns indivíduos, num discurso em que arquiteto e pedagogo falam a mesma linguagem – da ordem, da disciplina e do respeito à hierarquia”. (p. 188).

Os espaços, ocupados pelos colégios, denotam aspectos detalhados da cultura escolar, pois são carregados de simbologias e rituais próprios, tornando-se um lugar, de acordo com a conceituação utilizada por Viñao (2005). As características específicas desses espaços escolares compreendiam o cuidado com as práticas higienistas, que estiveram presentes na escola, a partir da Primeira República, com a criação dos grupos escolares. A localização, os espaços e a luminosidade eram considerados aspectos importantes para o ambiente escolar:

A escola com relação a todas as crianças que a frequentarem deve ser: bem localizada, para maior seguridade da frequência; isolada, para evitar tudo quanto distraia a atenção dos alunos; acessível a todos os ventos; exposta ao nascente, clara, ajardinada, mobiliada de conformidade com a estrutura do estudante e com as necessidades do ensino. (A REPÚBLICA, 1904 apud BENCOSTTA, 2005a, p. 107).

O prédio construído para o Colégio Regina Coeli atendia à maioria dos requisitos apresentados na citação de Bencostta (2005a). O documento que auxilia na explicitação de

tais requisitos, trazendo detalhes da organização escolar, é o “Relatório da Verificação para efeito da concessão de ‘Inspeção Preliminar’ Ginásio Regina Coeli”, que aponta a aspectos avaliados pelo inspetor Jacob Edgar Horn, no período de 17 a 23 de fevereiro de 1949. A classificação do colégio, pelas pontuações apresentadas, foi excelente.

Dentre os aspectos avaliados em relação à situação do Colégio Regina Coeli, destaca-se a “ausência de ruídos”: “O ginásio fica completamente isolado de prédios de moradias e fábricas. Os professores não precisam elevar demasiadamente a voz. Os corredores são revestidos de material à prova de ruído” (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949), assim como se destacam as considerações feitas a respeito das “causas perturbadoras de atenção”:

A respeito da localização do edifício, Schimmelpfeng (2005) cita Escolano Benito, que chama a atenção para a localização e a disposição da escola no contexto urbano, tendo desenvolvido estudos sobre como a localização ideal para a escola foi sendo discutida e analisada “para que se tornasse portadora de uma intenção pedagógica”. (p.147-148). A localização do Colégio Regina Coeli, bem como as descrições a respeito de tal localização, deixam clara a intenção estratégica de ser situado em local propício à aprendizagem, longe de grandes perturbações (tais como ruídos ou comércio), e, ao mesmo tempo, próximo do centro. Além disso, mantinha preservado o aspecto moral, por manter-se distante de “casas com interior devassável”, que era uma das preocupações vigentes, citada no Relatório da verificação para efeito da concessão de “inspeção preliminar” Ginásio Regina Coeli. (1949).

Se comparado ao Colégio Regina Coeli, o Colégio São Carlos, apresenta uma diferença significativa em relação a sua localização, pois, como já comentado, estava localizado em umas das ruas bem movimentadas da Cidade de Caxias do Sul. No entanto, as Irmãs estavam preocupadas com o bom funcionamento da escola, assim como com os aspectos disciplinares, com vistas a garantir o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos da comunidade escolar, ou seja, dos alunos, das internas e da própria Comunidade das Irmãs.

Salvaguardando as diferenças, ambas as Congregações, demonstravam a preocupação em apresentar para a comunidade um ambiente escolar adequado, tanto em relação às instalações, com em relação às práticas pedagógicas. Sendo assim, além do aspecto disciplinador, estava presente a preocupação com a instalação e com os espaços escolares, que poderiam propiciar novas práticas pedagógicas. Sobre esses espaços, Gonçalves (2012), apresenta importante contribuição, com base no “Movimento da Escola Nova”:

Na arquitetura escolar mantém-se a tipologia arquitetônica com um pátio distribuidor de salas, mesmo que a “simplicidade” científica passe a ser retórica dos projetos. Àquele projeto arquitetônico inicial se agregam novos espaços, além das salas de aulas: sala de direção, gabinete dentário, cozinha, pátio de educação física; e a arquitetura vai, assim, revelando o valor que cada uma dessas novidades vai ganhando no cenário educativo. (p. 34).

Os espaços, mencionados por Gonçalves (2012), estavam presentes tanto no Colégio Regina Coeli, assim como no Colégio São Carlos. Considerando que ambos os colégios atendiam internas, um dos espaços mencionados nos documentos pesquisados é o refeitório. Semelhanças podem ser observadas, não só na organização dos espaços, mas também na preparação do refeitório para o registro fotográfico.

Na figura 3 à esquerda, é possível observar a organização do refeitório do Colégio Regina Coeli com ampla iluminação, devido ao número de janelas. É interessante registrar que, no momento da fotografia, a mesa estava posta, o que denota uma ideia de como o ambiente era utilizado ou de como fora preparado para “representar” seu uso.

Figura 3 - Refeitórios



Fonte: Relatório da Verificação..., 1949 e Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v. 8, Colégio São Carlos.

Já o refeitório do Colégio São Carlos, localizado na imagem à direita, tinha uma área quadrada de 12 por 9 metros, em sua lateral, havia escadarias para acesso das internas, à sua direita era para se deslocarem para a parte inferior do prédio e, à esquerda, era para acesso ao terceiro pavimento. Percebe-se na imagem que para o registro da imagem, deixaram o ambiente totalmente organizado, além de demonstrar também sua preocupação com a saúde de suas internas em relação à alimentação, pois sobre as mesas tiveram o cuidado de colocar no centro uma tigela de frutas diversificadas, pois que, para se ter um rendimento adequado, deve-se investir em boa alimentação, além de um ambiente higienizado. Portanto, pela produção das imagens houve investimento na organização “ideal” dos ambientes.

Além do refeitório, outros espaços eram organizados para receber a visita dos inspetores. O resultado da avaliação, do Colégio Regina Coeli, foi de 100% para a situação, o edifício e as instalações para semi-internato; de 98,2% para as instalações, 95,2% para as salas de aula, de 75,9% para as salas especiais, 78,6% para as instalações para Educação Física e de 97,3% instalações para internato.

Já para o Colégio São Carlos os resultados a que chegou o inspetor nas seguintes divisões, foram: local 90%, edifício 98,3%, instalações 93%, salas de aulas 42,1% e salas especiais 93,8%. Com essa classificação, a escola atingiu o conceito bom, com 9.345 pontos. Esse relatório foi preenchido no dia 21 de fevereiro de 1945.

Referente ao espaço do Colégio São Carlos que era disponibilizado às internas para dormir, havia uma área de 27,47 metros por 12,6 metros, mas, essa área do dormitório, contava também com o vestiário, o sanitário, o banho, o WC e a enfermaria. A figura 4, à direita, ilustra como eram distribuídas as camas: havia três fileiras, e as duas primeiras (da direita) com a cabeça direcionada para a direita, e a terceira com a cabeça direcionada para a esquerda. Um espaço simples, sem nenhum outro móvel, além de uma mesa bem no fundo da sala centralizada na parede.

Figura 4 – Dormitório das internas



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v.8, Colégio São Carlos; Acervo do Colégio Regina Coeli.

Pelo que é possível notar na figura à esquerda, referente Colégio Regina Coeli, o dormitório era extremamente organizado, com ampla ventilação e iluminação, sem muitos estímulos ou objetos. A extensão do dormitório chama a atenção, assim como as camas disponíveis. As camas concentradas em um único dormitório permitiam uma maior vigilância de todo o grupo de internas. Apesar de não ser possível observar na figura 4, pelos relatos de uma Irmã, sabe-se que havia, no canto do dormitório, um espaço reservado para a Irmã que era responsável pelas internas. Como as alunas eram acompanhadas em tempo integral, à noite, a Irmã responsável ficava no mesmo dormitório, utilizando um local reservado, de onde as alunas não poderiam observá-la. No entanto, o som poderia ser escutado, o que permitia a fiscalização das internas.

Outro aspecto que merece ser mencionado dos Colégios referente à imagem do dormitório é a disposição das janelas; essas se encontravam em ambas as laterais. Além

disso, nos dormitórios, chama atenção a uniformização das colchas de cama e ordenamento das mesmas: tudo bem alinhado, a ordem, a limpeza, a disciplina pareciam ser fundamentais no processo educativo dessas congregações.

Perto dos aposentos destinados às internas do Colégio São Carlos, as Irmãs tiveram a preocupação de deixar uma área destinada à resolução de algum problema de saúde, caso ocorresse alguma das internas, a enfermaria, que ficava próximo ao dormitório, dividida, por paredes e com uma entrada separada. É possível observar na figura 5 que a enfermaria contava com uma cama, um bidê, uma mesa e uma cadeira; um banheiro separado dos outros ao qual tinham acesso do próprio quarto e, nesse banheiro, havia uma janela pequena.

Figura 5 - Enfermaria do Colégio



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v. 8. – Colégio São Carlos.

No Colégio Regina Coeli, a enfermaria foi avaliada, no relatório, em quatro quesitos: pavimentação, revestimento das paredes, condição de isolamento, material e isolamento. Destes itens, apenas o revestimento das paredes não obteve a pontuação máxima (100%), atingindo 80%.

Figura 6 – Enfermaria do Colégio Regina Coeli



Fonte: Relatório da Verificação..., 1949.

Observa-se, através das imagens, que apesar de possuírem o mesmo tipo de mobiliário, a enfermaria do Colégio Regina Coeli, contava com um espaço maior se comparado ao Colégio São Carlos, contando com três camas, tendo ao lado de cada uma um bidê, e uma mesa de uso geral.

Houve diferença também em relação ao espaço destinado à prática de Educação Física, pois as instalações para tal, do Colégio Regina Coeli, receberam pontuação máxima em área livre e chuveiros. Instalações e material, material esportivo, vestiário e ginásio receberam 80% da pontuação; o gabinete médico-biométrico recebeu 70%, o estádio ficou com 50% e a piscina não pontuou, por não existir na escola. Assim, dos 300 pontos disputados nessa categoria receberam 236 pontos. Já durante o rastreamento realizado na documentação do Colégio São Carlos e as leituras apuradas do Relatório de 1945, um fato importante estava registrado, ou seja, durante a análise documental que fora enviada à Direção do Ensino Secundário, uma de suas Divisões, a de Educação Física reportava-se à Direção-Geral, comunicando que o Ginásio São Carlos não se atendia às exigências da Portaria 156,¹ de 10/03/44, do DNE, referentes à Educação Física.

Em relação às instalações educativas, percebe-se que as duas instituições mantinham as salas de aula tradicionais (figura 7), mesmo com o novo projeto de desenvolvimento do espaço escolar. Na escola São Carlos as salas foram estruturadas em um espaço retangular, com janelas em disposição longitudinal, com formato de basculantes. As carteiras

¹ Essa “estabelece as condições mínimas referentes à Educação Física a que devem atender os estabelecimentos de ensino secundário, por ocasião do pedido de verificação prévia para fins de autorização de funcionamento”. (www.virtualbooks.com.br , 2000, p. 16).

encontravam-se distribuídas em fileiras, com a mesma distância entre uma e outra. Além disso, nota-se que o quadro-negro está fixado e centralizado de frente para as classes. Havia outro quadro móvel que se encontrava à esquerda, próximo da janela; ao seu lado, a mesa da professora sobre um estrado. Nesse mesmo espaço, havia um quadro e logo acima, um crucifixo. O crucifixo é um dos objetos que deixa bem marcada a questão religiosa, que é um dos símbolos utilizados pelos católicos e respeitado por eles até hoje. Próximo à porta, um armário de madeira. Conforme o Relatório de Inspeção Prévia disponível no acervo do colégio, as “salas ostentam na sua decoração cores uniformes, brancas e claras, sem serem brilhantes” (p.75), pois, durante leitura realizada, pode-se notar que as Irmãs mantiveram esse critério de uniformização das cores das salas, para que, no futuro, nenhum aluno apresentasse problemas visuais. (LVP/CSC, 1945, p. 75).

Figura 7 – Sala de Aula do Colégio São Carlos em Caxias do Sul - classes individuais



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

No Colégio Regina Coeli as salas de aulas foram avaliadas, pelo inspetor, de acordo o número das mesmas, a área, a forma, o isolamento, os quadros-negros, a pintura, a área de iluminação, a disposição das janelas, a acústica, as carteiras e os móveis diversos. Só não houve pontuação máxima em relação às carteiras, totalizando, no item, o total de 476, de 500 pontos que estavam sendo analisados. Dentre tais aspectos, a “forma” das salas indica muito sobre a cultura escolar, já que pela descrição sabe-se de que as salas eram retangulares, com

janelas dos dois lados. “No lado interno da casa as janelas ficam distantes das paredes do edifício 2 metros, devido ao corredor.” (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO, 1949). As janelas internas possibilitavam, para além da luminosidade, já que havia janelas no corredor também, a fiscalização das alunas e professoras, já que facilitavam a observação do que ocorria em sala de aula.

Figura 8 - Sala de aula em 1949 - classes duplas



Fonte: Acervo particular do Colégio Regina Coeli.

Podemos observar nas figuras 7 e 8 que as carteiras do Colégio Regina Coeli, eram duplas, novas, com lugar para duas alunas, e as do Colégio São Carlos eram individuais e com aspecto mais rústico. Porém, em ambos, a mesa do professor estava sobre um estrado de madeira.

As janelas (que propiciavam iluminação e circulação de ar), bem como impunham a disposição do mobiliário da sala de aula, estavam de acordo com as prescrições higienistas da época. Shimmelpfeng (2005) refere que a simbologia de tal organização ao mencionar a disposição do mobiliário da sala de aula (na frente ficavam o quadro-negro e a mesa do professor sobre o estrado) denota autoridade “e, em oposição a este, ficavam os alunos, como expectadores passivos”. (p. 155).

Sendo assim, é visível que a organização do espaço escolar tinha o objetivo de civilizar e moralizar. (SHIMMELPFENG, 2005). A sala de aula era uma das possibilidades de vigilância que acabava gerando um cuidado permanente, no controle do comportamento tanto

por parte dos professores como dos alunos. Essa internalização de controle, que outrora foi externo, é o que se pode denominar *disciplina*, termo amplamente desenvolvido por Foucault (2010), que explica que “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’”. (p. 133).

Além do espaço das salas de aulas, existiam, em ambas as escolas, espaços específicos denominadas salas especiais, como por exemplo, o auditório, a biblioteca, a sala de Geografia, a sala de Línguas Vivas, a sala de Ciências, a sala de Desenho, a sala de Trabalhos Manuais, a sala do orientador, a sala dos professores, a sala da administração e da inspeção. Tais salas, com seus materiais, oportunizavam novos métodos de ensino.

Na sala de Geografia, por exemplo, havia globo terrestre, tabuleiro de areia, bússola, termômetros, cartas murais, atlas, amostra de produtos e coleção de vistas. (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Figura 9 - Sala de Geografia em 1949



Fonte: Acervo do Colégio Regina Coeli; LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Através da figura 9, à esquerda, é possível observar os materiais didáticos utilizados no Colégio Regina Coeli, destacando-se os mapas e atlas expostos na parede, que dizem muito a respeito da práxis pedagógica. O professor tinha à disposição materiais didáticos que

tornavam o ensino da geografia mais concreto, na medida em que possibilitavam para além de uma aula expositiva, a visualização e manuseio de materiais que poderiam auxiliar na compreensão prática dos conteúdos.

No Colégio São Carlos, a sala de geografia, que pode ser visualizada figura à direita, contava com um amplo espaço bem-iluminado. Percebe-se, nessa imagem, vários mapas distribuídos pelas paredes; à esquerda, o mapa do mundo, o do Brasil, o do Rio Grande do Sul, a da América do Sul e, à sua direita, ou na parede da frente, estavam mapas relacionados a aspectos físicos e divisões políticas relativos aos países. Além de todo esse material disponível nas paredes, o espaço disponibilizava mesas e uma bancada. A mesa, localizada à esquerda, pode-se verificar que continha fotos ao seu redor e, sobre ela, uma maquete de relevo. Evidencia-se que queriam demonstrar que, além desse material visual, tinham à disposição livros referentes aos assuntos. Atrás da mesa referida, há um banco com vários livros entreabertos sobre ele. Constata-se a preocupação das Irmãs em demonstrar todo o material adequado para a realização da inspeção.

Caminhando nessa linha de análise em relação à arquitetura, verifica-se a preocupação em relação aos Trabalhos Manuais, considerado importante para ambas as escolas, que atendiam principalmente moças. Havia uma Sala Trabalhos Manuais, que, no Colégio São Carlos, localizava-se no primeiro pavimento. A sala disponibilizava um espaço amplo, como pode ser observado na figura 10, com uma boa iluminação, porque havia duas janelas e luminárias bem-distribuídas, atendendo ao modelo padrão. Essa sala, nos dias atuais, encontra-se no mesmo local, porém com outra designação: Sala de Artes.

Figura 10 – Sala de Trabalhos Manuais



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/ RS.

Nessa imagem, percebe-se como dispuseram os materiais para o registro da foto. Ao centro da sala, uma mesa disposta sobre cavaletes de madeira. Sobrepostas há várias régua e uma delas fixa era de madeira. Chama a atenção que somente havia uma dessas, pois se sabe que era para uso pedagógico das moças. A disponibilização de diversos materiais buscava dar a ver a riqueza de recursos pedagógicos e, conseqüentemente, pretendiam representar a qualidade da instituição.

O Colégio Regina Coeli, também contava com uma sala de trabalhos manuais, o que permite a compreensão de algumas habilidades a serem desenvolvidas no currículo. A justificativa para a utilização dos materiais utilizados, hoje presentes na escola geralmente para uso de funcionários e não de alunos, pode ser encontrada no objetivo que a escola tinha de preparar as alunas para serem exímias mães e donas de casa.

Outra sala, presente no Colégio Regina Coeli era a de Ciências Naturais, que contava com inúmeros materiais, dentre eles: dinamômetro, modelo de sifões, termômetro de mercúrio e álcool, câmara escura, imãs, bússola, campainha, telefone de demonstração, bastões de vidro, areia, ágata, quartzo, mármore, ametista, argila, ocre, cobre nativo, giz, esqueletos de roedores, carnívoros, 14 aves empalhadas, 15 ofídios, 5 anuros, 5 vermes, insetos, aracnídeos, coleção carpologia dos principais tipos de frutos secos, modelos de inflorescências. Além disso, no Relatório da Verificação para Efeito da Concessão de Inspeção Preliminar foram citados vários materiais de experimentação e reagentes.

Assim como em outras salas, a sala de ciências possuía materiais para explicações, experiências e demonstrações. Os animais taxidemizados eram comuns nas escolas particulares naquela época, e muitos destes permanecem até hoje nas escolas.

No Colégio São Carlos, havia um espaço semelhante denominado de Sala de História Natural. Assim como a sala de Ciências Naturais do Colégio Regina Coeli, contava com várias espécies de animais taxidemizados, principalmente aves. Esse material pedagógico é conservado até os dias atuais. Além desses, também tinham um boneco do corpo humano com a distribuição dos músculos. Tanto os materiais didáticos da sala de Ciências Naturais do Colégio Regina Coeli, como os materiais da sala de História Natural, do Colégio São Carlos, ficavam dispostos em armários envidraçados, como uma forma de proteção e cuidado, bastante visível nos espaços escolares confessionais católicos.

Essas salas especiais remetem ao que Bencostta (2005b) define como “espaços funcionais”, ao apresentar considerações sobre os grupos escolares de Curitiba. Alguns dos espaços que a pedagogia exigia, tais como: gabinete para diretor, biblioteca, anfiteatro,

laboratórios, secretaria, oficinas e pátios, no contexto analisado pelo autor, foram desconsiderados por muitos grupos escolares.

A exigência de tais espaços ocorreu com o movimento da Escola Nova, que propunha novas formas de ensinar, com métodos que valorizassem a observação e a experiência pessoal do aluno, com a utilização de diferentes materiais, atividades manuais, jogos, etc. Tal movimento pedagógico, que também ficou conhecido como “Escola Ativa”, caracterizava-se pelas salas-ambientes, que eram conhecidas como *salas especiais*, incluindo laboratórios e ambientes específicos que propiciavam uma maior interatividade com os objetos de estudo, já que rompiam com a rotina tradicional de uma sala de aula. Souza (2008) lança luzes sobre o assunto, ao afirmar que “esta pedagogia propunha uma mudança completa no modo de organização da escola, substituindo a centralidade do professor e do conhecimento pelo respeito à atividade, o interesse, as necessidades e a experiência da criança”. (p. 82).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, os relatórios de avaliação do Colégio Regina Coeli e do Colégio São Carlos permitem uma compreensão acerca de quais eram os espaços escolares e a estrutura geral oferecida pela escola, assim como justifica as representações em relação ao colégio, presente nos documentos. A partir do entendimento de todo esse espaço escolar, é possível presumir muito relativamente à prática educativa, pois, como bem diz Faria Filho, o “espaço educa”:

Não apenas acontece educação *dentro* de um espaço determinado, o escolar, mas também que este, em sua projeção física e simbólica, cumpre uma função educativa fundamental. Nessa perspectiva, a ocupação do espaço escolar, sua divisão interna, suas aberturas para o espaço exterior, a delimitação de fronteiras entre o interno e o externo e, mais que isso, a disposição e diferenciação dos sujeitos (alunos e professores, sobretudo) e dos objetos no espaço, na sala de aula, tudo isso cumpre um papel educativo da maior importância. (2002, p. 17-18, grifo do autor).

A arquitetura e os objetos escolares são evidenciados em tais relatórios e, através deles, se pode entender o que perpassava as culturas escolares na época, tanto em relação ao Colégio Regina Coeli, como em relação ao Colégio São Carlos, assim como levantar hipóteses sobre o currículo escolar, já que são citados ambientes específicos para aulas de Geografia, Ciências, Línguas Vivas e Trabalhos Manuais. Os espaços e saberes escolares são construídos *por e para* os sujeitos, por isso, só fazem sentido se vivenciados por eles.

Diante da análise aqui apresentada, conclui-se que a arquitetura escolar e os espaços do Colégio Regina Coeli e Colégio São Carlos estavam, de maneira geral, adequados às exigências da época e possibilitavam práticas pedagógicas variadas, mas que dependiam do uso dos espaços e dos materiais disponíveis pelos sujeitos do ensinar e do aprender. Para além dos espaços, havia semelhanças no modo que se intentava educar, sendo a disciplina e a organização aspectos importantes dessa prática. Também há de se considerar que ambas as instituições, e congregações, ao se instalarem no Rio Grande do Sul, tinham como objetivo primeiro a educação dos filhos dos imigrantes italianos e, mais especificamente, a formação dirigida ao gênero feminino, apesar de atender, em número menor, também o gênero masculino. Por fim, ressalta-se a centralidade dos valores cristãos, considerando o estatuto e as práticas confessionais católicas de ambas as instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Arquitetura e Espaço Escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005a, p. 95- 140.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005b. p. 68-76. v.3.
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto de lei n. 21.241, de 4 de abril de 1932. Disponível em: <<http://www.solies.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>>. Acesso em: 25 mar. de 2014.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa*. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-71.
- GONÇALVES, Rita de Cássia. *A arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares*. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Org.). *Objetos da escola: espaço e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – século XIX e XX)*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 27-62.
- IWAYA, Marilda. *Cenário e palco para a instrução: a linguagem arquitetônica do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 171- 191.
- SHIMMELPFENG, Regina Maria. *Retocando imagens: Escola Alemã / Colégio Progresso (1930 -1045)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 141 -170.

SOUZA, Rosa Fátima de. Prefácio. In: BENCOSTTA, Marcus Levi Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 7-11.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

VIÑAO, Antônio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levi Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 15-47.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Anped, p. 63-82, set./dez. 1995. (disponível on-line).

Site: www.virtualbooks.com.br. Virtualbooks – Legislação de Educação Física, Copyright@ 2000.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO FOTOGRAFICO DO COLÉGIO SÃO CARLOS: 1936-1989 – Histórico. vol. 8.

CAMINHANDO NA HISTÓRIA – Colégio São Carlos – Caxias do Sul, 1940-2002. vol. 23.

CAMINHANDO NA HISTÓRIA – Colégio São Carlos – Caxias do Sul, 1928-1981. vol. 24.

HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO CARLOS (1936 a 1996) – Caxias do Sul/RS.

RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO PARA EFEITO DA CONCESSÃO DE “INSPEÇÃO PRELIMINAR” GINÁSIO REGINA COELI. Veranópolis, 1949.

LVP/CSC. LIVRO DE VERIFICAÇÃO PRÉVIA DO COLÉGIO SÃO CARLOS – escola de 1º e 2º Graus – Verificação Prévia no Ginásio São Carlos (1945) – Caxias do Sul/RS.

SÍNTESE HISTÓRICA DO GINÁSIO SÃO CARLOS (1949) – Caxias do Sul/RS.